

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: Quarup/Visitas (PIX)

Data: 21/08/85 Pg.: 723

Notas e informações

Carnaval nas selvas

Para assistir — e desfigurar, pelo tumulto — à tradicional cerimônia de culto aos mortos (*Quarup*) dos índios do Alto Xingu, escalões superiores da Nova República, incluindo três ministros, com suas respectivas famílias, filhos, cônjuges, secretárias e agregados, disputaram, num verdadeiro *huca-huca*, as vagas nos 20 vôos patrocinados pelo Ministério da Cultura, pela Funai e pelo Ministério do Interior com destino ao Parque Indígena do Xingu. Ainda que o ministro da Cultura, precavidamente, tivesse advertido os convidados e/ou penetras — em nota oficial — de que não deveriam encarar o *Quarup* “como um carnaval”, é evidente que aqueles próceres neo-republicanos — e familiares e agregados — não haveriam de resistir à excitante idéia de transformar um “programa de índio” num “carnaval nas selvas”!

Embora os assessores do Ministério da Cultura insistissem em que a lista de convidados abrigasse apenas profissionais da imprensa e cineastas, as pressões pela “boca-livre” na *jungle* foram enormes — ao ponto de a invasão branca por via aérea ter chegado a assustar profundamente os autóctones *iaualapiti*. É verdade que alguns prudentes excursionistas, cujo gosto pela aventura não ultrapassa as necessidades do conforto planaltino a que estão habituados, chegaram a pedir insistentes informações sobre “as condições

dos hotéis existentes no Parque do Xingu”. Mas tiveram de contentar-se, na melhor das hipóteses, com alguma maloca de cacique semelhante à em que mora o índio Pazzianotto. (Referimo-nos ao netinho do cacique *txucaramae Raoni*, homônimo do ministro do Trabalho.)

É verdade que até o ritmo da cerimônia indígena foi alterado em razão do inesperado sucesso de público — branco — alcançado pelo *Quarup*. Dessa forma, os espectadores não chegaram a ver uma cerimônia rigorosamente autêntica — o que, no entanto, não parece ter prejudicado nem um pouco a empolgação da “festa”...

No final, os índios não deixaram de ficar satisfeitos, especialmente os que receberam do ministro da Cultura — cada cacique — um quilo de coloridas contas checas. Talvez a memória atávica os fizesse reviver, naquele momento, as boas lembranças dos primórdios da colonização branca, quando contos coloridos trazidos da Europa e ofertados aos nativos de Pindorama selavam um convívio fraterno e uma amizade imorredoura entre os povos...

Essa é uma boa ilustração — e está longe de ser a única — de que a Nova República, da mesma forma que a Velha, não dispensa uma boa festa, nem nas selvas. Como antigamente, patrocinam-se revoadas festivas, em que não podem estar ausentes os familia-

res, amigos e agregados dos escalões do governo. Quanto aos gastos? Ora, o que são 20 vôos em favor da cultura brasileira? Afinal de contas, não é importante, para todos os cidadãos da República, que os filhos de ministros, que as secretárias — e também seus maridos e filhos —, que todos os convivas dos círculos ministeriais planaltinos aprofundem os seus conhecimentos antropológicos e culturais? O dinheiro arrecadado dos contribuintes não é para isso mesmo? Referido *tour nas selvas* — *Xingu Sight-Seeing* — não resultará em investimento produtivo, de grande retorno antropológico-cultural?

Por outro lado, embora os escalões governamentais de Brasília — e seus familiares e agregados — disponham para seu lazer de praias (tais como Ipanema, Leblon, Barra etc.) e montanhas (tais como Teresópolis, Petrópolis etc.), não é justo que possam variar um pouco, fazendo eventuais excursões turísticas para dentro de florestas? A variação de ambientes está provado que é fundamental para um trabalho produtivo — e, convenhamos, ficar apenas em fechados gabinetes com ar condicionado não desperta maiores criatividade...

Que os escalões da Nova República — e seus familiares e agregados — continuem fazendo, pois, seus alegres convoscotes (aéreos) nas selvas, em prol do desenvolvimento cultural do Brasil!